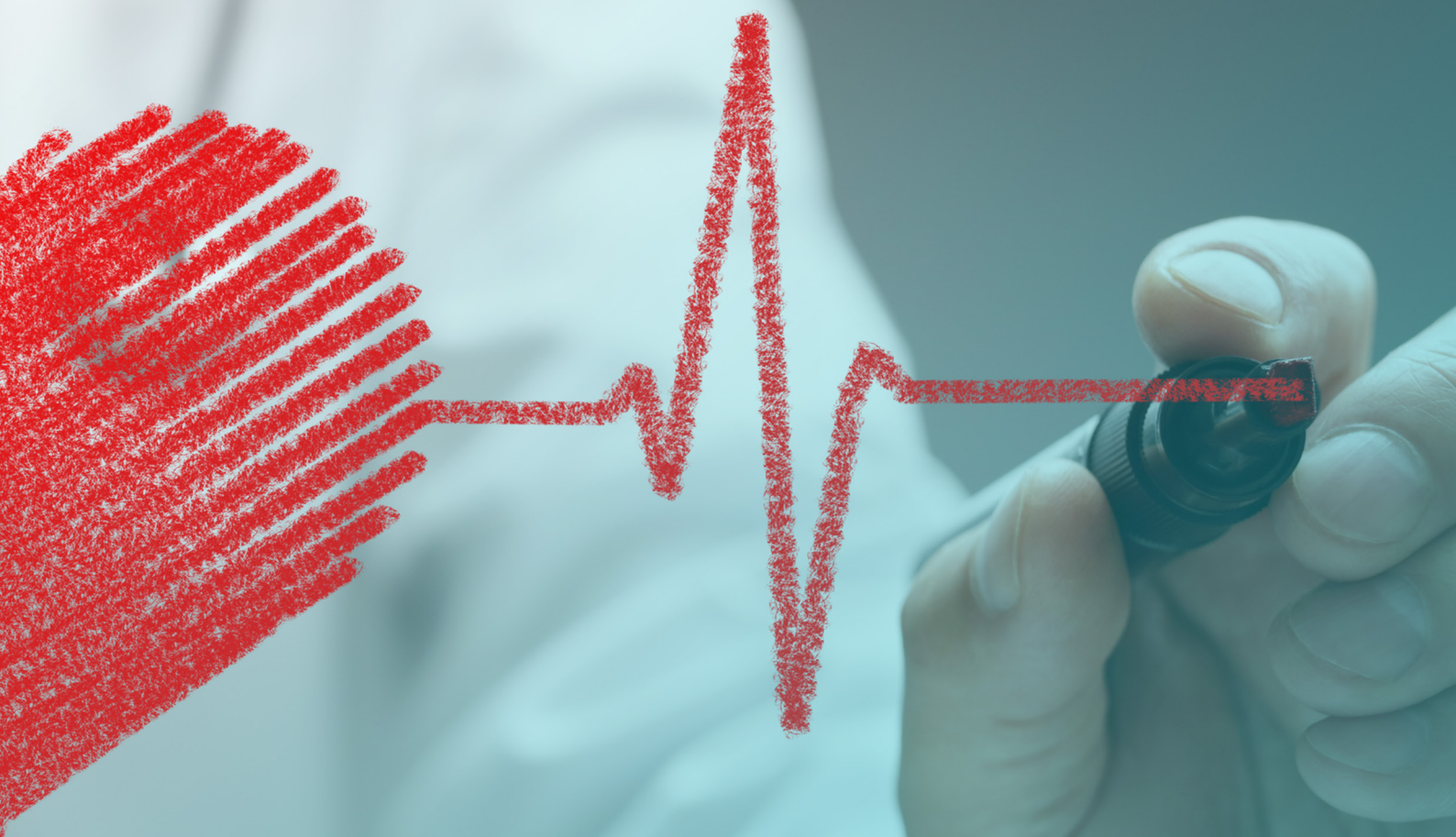


Bases Conceituais da **Saúde 6**

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais da Saúde

6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B299 Bases conceituais da saúde 6 [recurso eletrônico] / Organizadora
Elisa Miranda Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.
– (Bases Conceituais da Saúde; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-137-4

DOI 10.22533/at.ed.374191502

1. Bioética. 2. Política de saúde. I. Costa, Elisa Miranda. II. Série.

CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A bioética é considerada como um novo território do conhecimento, inicialmente seu foco de preocupação foi direcionado preferencialmente para os campos da relação profissional-paciente e pesquisa. Com o passar dos anos, esse horizonte de atuação foi gradualmente ampliado, alcançou uma relação consistente com as áreas social e sanitária.

A velocidade das descobertas, de certa forma, ‘roubou’ das sociedades humanas contemporâneas o tempo necessário e indispensável para o amadurecimento moral das respostas frente às ‘novidades’. Portanto, a bioética surge como um novo instrumento metodológico com o objetivo de proporcionar reflexões e respostas possíveis diante desses dilemas.

Os conflitos gerados entre a evolução do mundo, o progresso tecnológico e os direitos humanos estão cada vez mais frequentes. A discussão bioética pode contribuir na procura por respostas equilibradas frente aos conflitos atuais e aos das próximas décadas, isso requer abordagens pluralistas e transdisciplinares a partir da realidade concreta.

A bioética brasileira apresentou desenvolvimento tardio, porém passou a ser incorporada objetivamente na construção sanitárias no país e no próprio funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com esse contexto e objetivando a melhor sistematização e compreensão da bioética, nesse volume serão abordadas questões relacionadas ao desenvolvimento tecnológico e científico e aos processos evolutivos e sociais.

Elisa Miranda Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 1

BIOSSEGURANÇA NA AVALIAÇÃO DE RISCOS AMBIENTAIS DOS TRANSGÊNICOS

Adolf Hitler Cardoso de Araújo
Maria do Socorro Rocha Melo Peixoto
Bartolomeu Garcia de Souza Medeiros
Valeska Silva Lucena

DOI 10.22533/at.ed.3741915021

CAPÍTULO 2 12

SÍNTESE E AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIMICROBIANA DO 1,2,4-OXADIAZOL 3,5-DISSUBSTITUÍDO

Rodrigo Ribeiro Alves Caiana
Érick Caique Santos Costa
Maria Verônica de Sales Barbosa
Giselle Barbosa Bezerra
Francirenildo Andrade Santos
Jaqueline Ferreira Ramos
Danilo Lima Dantas
Juliano Carlo Rufino de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.3741915022

CAPÍTULO 3 24

OS PRINCIPAIS FÁRMACOS UTILIZADOS COMO ADULTERANTES EM AMOSTRAS DE COCAÍNA

Hemerson Iury Ferreira Magalhães
Ericson Alves Silva Filho
Gleice Rayanne da Silva
Marianna Vieira Sobral
Aníbal de Freitas Santos Júnior
Breno Alves Auad Moreira
Rony Anderson Rezende Costa
Bruno Coelho Cavalcanti
Cecília Rocha da Silva
Hélio Vitoriano Nobre Júnior
José Roberto Oliveira Ferreira
Ricardo Rodrigues Lucas

DOI 10.22533/at.ed.3741915023

CAPÍTULO 4 35

ANÁLISE BIOENERGÉTICA: UM PANORAMA DOS ESTUDOS PUBLICADOS NA ATUALIDADE

Any Caroliny Alves de Souza
Ana Carolina Pereira Eugênio
Camila Diniz de Carvalho Souza
Jorge Francisco Sandro Souza Silva
Yasmin Karla de Araújo Oliveira
Alexandre Franca Barreto

DOI 10.22533/at.ed.3741915024

CAPÍTULO 5 54

ANÁLISE DE DIMENSIONAMENTO DE EQUIPAMENTOS E NÚMERO DE REFEIÇÕES EM UM RESTAURANTE COMERCIAL ÁRABE NA CIDADE DE BELÉM-PA, 2017

Fernando Filho Silva Damasceno

Elizane Leão Batista

Amanda Joyce Caldo de Souza

Andreia Pereira Silva

Rodolfo Silva de Freitas

Herison Diego Abreu de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.3741915025

CAPÍTULO 6 63

ANÁLISE DE NOTIFICAÇÕES DE QUEIXA TÉCNICA E EVENTO ADVERSO DE MEDICAMENTOS E MATERIAL MÉDICO HOSPITALAR EM UM HOSPITAL SENTINELA

Ana Laura de Cabral Sobreira

Danillo Alencar Roseno

Laura Christina Freitas

Roseana Souza Pedrosa

Adriana Amorim de Farias Leal

DOI 10.22533/at.ed.3741915026

CAPÍTULO 7 76

ANÁLISE DO GRAU DE COMPLETUDE DAS FICHAS DE NOTIFICAÇÃO DA LEISHMANIOSE VISCERAL, DE RESIDENTES DO MUNICÍPIO DE PETROLINA (PE), NO PERÍODO DE 2011 A 2016

Maiara Leite Barberino

Larissa de Sá Carvalho

Lorena Maria Souza Rosas

Herydiane Rodrigues Correia Wanderley

Natália Matos Barbosa Amarante

Marcelo Domingues de Faria

DOI 10.22533/at.ed.3741915027

CAPÍTULO 8 85

AVALIAÇÃO DO POTENCIAL BIOTECNOLÓGICO DE MICRO- ORGANISMOS ISOLADOS DE AMOSTRAS ALIMENTARES E PRODUÇÃO DE ENZIMAS HIDROLÍTICAS

Emília Mendes da Silva Santos

Ariosto Afonso de Moraes

Isabela Regina Alvares da Silva Lira

Diogo Guimarães

Juliana Moura de Luna

DOI 10.22533/at.ed.3741915028

CAPÍTULO 9 93

BATATA YACON COMO INGREDIENTE NA ELABORAÇÃO DE PÃO PARA DIABÉTICOS: ASPECTOS FUNCIONAIS E NUTRICIONAIS

Adalgisa Gabriela dos Santos Guimarães

Ana Beatriz Praia

Nelson Rosa Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.3741915029

CAPÍTULO 10 103

BIOEDUCA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE GRADUANDOS EM BIOMEDICINA

Lumara Silvia Santana Ferreira
Wellenice da Silva Barroso
Amanda Mendes Silva
Lailson Parente Lustosa Júnior
Etiane Prestes Batirola Alves

DOI 10.22533/at.ed.37419150210

CAPÍTULO 11 111

CARACTERIZAÇÃO DO CONSUMIDOR DE QUEIJO DE COALHO NO INTERIOR DE PERNAMBUCO

Dayane de Melo Barros
Danielle Feijó de Moura
Tamiris Alves Rocha
Silvio Assis de Oliveira Ferreira
Roberta Albuquerque Bento da Fonte
Erilane de Castro Lima Machado
Ranilson de Souza Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.37419150211

CAPÍTULO 12 121

CONFERÊNCIA DO CARRO DE EMERGÊNCIA: A RELEVÂNCIA FRENTE À UMA PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA EM UM CENTRO DE TERAPIA INTENSIVA (CTI) - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Raquel Silva Nogueira
Manuela Furtado Veloso de Oliveira
Aldeyse Teixeira de Lima
Mikaelly Almeida Amorim Oliveira
Aline Bento Neves
Gabriela De Nazaré e Silva Dias
Erlon Gabriel Rego de Andrade
Leide da Conceição do Espírito Santo Monteiro
Irineia Bezerril de Oliveira da Silva
Nubia Cristina Pereira Garcia
Lilian Thais Dias Santos Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.37419150212

CAPÍTULO 13 128

ELETRIOESTIMULAÇÃO DE ALTA VOLTAGEM NO REPARO TECIDUAL DE LESÃO POR PRESSÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lilian Ramine Ramos de Souza Matos
Karoliny Teixeira Santos
Larycia Vicente Rodrigues
Cristina Maria Félix Crispiniano
Eduardo Rafael de Sousa Neto
Maria Conceição Matias da Silva
Márcia Bento Moreira

DOI 10.22533/at.ed.37419150213

CAPÍTULO 14 135

EPIGENÉTICA

Renata Mendes de Freitas
Mário Campos Júnior

DOI 10.22533/at.ed.37419150214

CAPÍTULO 15	144
EQUIDADE COMO MARCO ÉTICO INSERIDO NA DIMENSÃO SOCIAL DA BIOÉTICA	
<i>Marcelo Moreira Corgozinho</i>	
<i>Aline Albuquerque Sant'Anna de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.37419150215	
CAPÍTULO 16	157
MANIPULAÇÃO GENÉTICA: AVANÇOS E BIOÉTICA	
<i>Layslla Caroline Araújo Almeida</i>	
<i>Renata Maria Vieira Nogueira</i>	
<i>Valeska Silva Lucena</i>	
<i>Maria Do Socorro Rocha Melo Peixoto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.37419150216	
CAPÍTULO 17	166
MARCADOR DE DANO OXIDATIVO CELULAR EM DIFERENTES GRUPOS ETÁRIOS EM RIBEIRINHOS DO ESTADO DO PARÁ	
<i>Aline Barreto Sá</i>	
<i>Bruna Emanuelle Sanches Borges</i>	
<i>Claudia Simone Oliveira Baltazar</i>	
<i>Maria da Conceição Nascimento Pinheiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.37419150217	
CAPÍTULO 18	174
MODIFICAÇÃO ESTRUTURAL NO EUGENOL: SÍNTESE, CARACTERIZAÇÃO E ATIVIDADE TOXICOLÓGICA FRENTE À ARTEMIA SALINA LEACH	
<i>Josefa Aqueline da Cunha Lima</i>	
<i>Herbert Igor Rodrigues de Medeiros</i>	
<i>Jadson de Farias Silva</i>	
<i>Romário Jonas de Oliveira</i>	
<i>Cosme Silva Santos</i>	
<i>Juliano Carlo Rufino de Freitas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.37419150218	
CAPÍTULO 19	184
O ENSINO DA BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA ÁREA DE SAÚDE	
<i>Waldemar Antônio das Neves Júnior</i>	
<i>Sergio Rego</i>	
<i>Laís Záu Serpa de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.37419150219	
CAPÍTULO 20	196
PRÉ-ECLÂMPSIA: USO DO ÁCIDO ACETILSALICÍLICO NA PREVENÇÃO	
<i>Jaciara Aparecida Dias Santos</i>	
<i>Sammantha Maryanne Soares Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.37419150220	

CAPÍTULO 21 198

SÍNTESE E AVALIAÇÃO DO PERFIL TOXICOLÓGICO, FARMACODINÂMICO E FARMACOCINÉTICO DO BENZIL 4,6-DI-O-ACETIL-2,3-DIDESOXI-A-D-ERITRO-HEX-2-ENOPIRANOSÍDEO EMPREGANDO MÉTODOS *IN SILICO*

Rodrigo Ribeiro Alves Caiana
Rayane de Oliveira Silva
Romário Jonas de Oliveira
Cosme Silva Santos
João Rufino de Freitas Filho
Juliano Carlo Rufino de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.37419150221

CAPÍTULO 22 211

USO DE ÁCIDOS GRAXOS POLI-INSATURADOS ÔMEGA-3 COMO SUBSTITUTOS DE MEDICAMENTOS ANTI-INFLAMATÓRIOS EM DOENÇAS CRÔNICAS

Geovana Alves Cleef de Souza
Roseane Aires de Oliveira
Rafaela da Silva Filgueira
Esther Pereira Matos Carneiro
Thamires Ferreira Dantas
Williana Gomes da Silva
Ercicleide Gomes Teixeira
Edna Maria Nascimento da Paz
Anabelle Moraes de Jaimes
Dinara Maria da Silva Xavier
Adriana Paula Braz de Souza

DOI 10.22533/at.ed.37419150222

CAPÍTULO 23 223

SÍNDROME DE DELEÇÃO 22Q13.3 E CROMOSSOMO EM ANEL

Acácia Fernandes Lacerda de Carvalho
Esmeralda Santos Alves
Paula Brito Corrêa
Neulice França Correia Barros
Joanna Goes Castro Meira
Angelina Xavier Acosta

DOI 10.22533/at.ed.37419150223

CAPÍTULO 24 227

REALOCAÇÃO DE TRABALHADORES E BIOÉTICA: PERSPECTIVAS NA GESTÃO DE PESSOAS

Rosana Maria Barreto Colichi
Renata Oliveira Castilho
Martha Angelica Benicá Rodrigues Negrisoni

DOI 10.22533/at.ed.37419150224

CAPÍTULO 25 231

AUTOAVALIAÇÃO DE SAÚDE DE INDIVÍDUOS COM CÂNCER DE PRÓSTATA NO SUDOESTE BAIANO

Andrei Teixeira Almeida
Vitória da Conquista / BA.
Yuri Pereira Muniz
Cláudio Lima Souza
Laize Tomazi

DOI 10.22533/at.ed.37419150225

SOBRE A ORGANIZADORA..... 247

O ENSINO DA BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA ÁREA DE SAÚDE

Waldemar Antônio das Neves Júnior

Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de
Medicina – Alagoas

Sergio Rego

Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca,
Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro

Laís Záu Serpa de Araújo

Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas –
Alagoas

RESUMO: A tomada de decisões está presente na vida dos seres humanos e é uma das atividades mais complexas do pensamento, pois exigem competências para a resolução de conflitos éticos. Estas competências são adquiridas por cada pessoa através da construção de seu próprio conjunto de valores éticos, para a formação da personalidade moral e autônoma das pessoas para a solução de dilemas éticos. O objetivo foi verificar através das informações fornecidas pelos alunos e professores quais os valores éticos que deveriam ser discutidos em sala de aula para a formação moral dos estudantes. O protocolo de pesquisa foi submetido ao comitê de ética em pesquisa (CEP) da ENSP/FIOCRUZ, e a pesquisa de campo só teve início após aprovação. Foram estudadas cinco faculdades de medicina no estado de São Paulo com o ENADE 5 e analisadas as falas dos grupos

focais dos estudantes e as entrevistas dos professores. No total participaram 56 estudantes divididos em cinco grupos focais e um total de nove professores através das entrevistas. Pode-se identificar que existe uma fala comum nas respostas dos alunos e professores acerca dos valores éticos que deveriam ser trabalhados em sala como: respeito, tolerância, empatia, liberdade e autonomia. A relevância do ensino da Bioética através de valores éticos podem contribuir para ao desenvolvimento moral dos estudantes, como também, pode ser uma possibilidade viável para resolvermos os conflitos entre os princípios éticos, os quais enfrentamos na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação médica. Bioética. Educação superior. Desenvolvimento moral.

ABSTRACT: Decision-making process is present in the lives of humans and it is one of the most complex activities of the thinking process because it requires some competencies in order to achieve an ethical conflict resolution. These competencies are acquired by each one through the construction of one's set of ethical values, thus, can be the backbone to build moral personality and autonomy to resolve ethical dilemmas. The objective was to verify, through the information provided by students and professors, the ethical values which should

be discussed in the classroom in order to develop the students' moral construct. The research protocol was submitted to the research ethical committee from ENSP/FIOCRUZ, so that the field research could be done. It was studied five medicine faculties in the state of São Paulo with assessment grade five and analyzed the answers of students focus group as well as the interviews with the teachers. Altogether 56 students took part, which were divided into five focus groups, and nine professors were interviewed. It could be perceived that there is almost always a consensus in the answers from the students and professors concerning the ethical values which should be studied in the classroom, such as: respect, tolerance, empathy, freedom and autonomy. The relevance of education through values in the disciplines of bioethics can contribute to form the students' moral construct and it can also act as a viable possibility to resolve the conflict between the ethical principles with which we are faced nowadays.

KEYWORDS: Medical education. Bioethics. Higher education. Moral development.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, as agendas internacionais e os programas dos Ministérios de Educação da maioria dos países têm como pauta de análise obrigatória as questões relativas à educação para a cidadania e o aprofundamento das discussões acerca dos valores democráticos (MARTÍNEZ MARTIN, 2010). Entende-se por cidadania o exercício dos direitos e deveres civis, políticos e sociais que estão assegurados na Carta Magna de cada país, tais como os que estão previstos na Constituição Brasileira de 1988. Este conceito de cidadania que temos hoje teve como base o processo da revolução inglesa do século 17, os ideais das revoluções francesa e americana no século 18 e o nascimento do capitalismo no século 20 (NOVAK, 2008).

Há uma reflexão comum para a maioria dos profissionais que trabalham com a formação ética, quer sejam filósofos, sociólogos, psicólogos, e, em especial, os professores e os especialistas em educação que trabalham com o ensino da ética, que é sobre a viabilidade de se ensinar ética. Será que a ética pode ser ensinada?

Uma das proposições para que isto ocorra é a incorporação nas matrizes curriculares da ética e da bioética como conteúdos nos eixos transversais, que são a princípio conteúdos de ensino e aprendizagem que não estão incluídos diretamente em nenhuma área concreta do currículo (AGUADO; MEDRANO, 1999). O que se discute aqui é a bioética como transversalidade ao longo do currículo, pois é notória a discussão acerca da incorporação desta disciplina nas matrizes curriculares como uma forma de legitimar e dar valor a uma ética aplicada e desse conteúdo prático-filosófico na formação ética e moral dos estudantes.

A Bioética, segundo a *Encyclopedia of Bioethics*, é definida como sendo: “o estudo sistemático das dimensões morais – incluindo visão, decisão e normas morais - das ciências da vida e do cuidado da saúde, utilizando uma variedade de

metodologias éticas num contexto multidisciplinar” (REICH, 1994). Ainda de acordo com Reich (1994) esse neologismo (que surgiu em 1971) – Bioética, passava dessa forma a simbolizar e influenciar um novo âmbito de conhecimento. Deste modo, pode-se perceber que a Bioética amadureceu para para uma forma de filosofia moral prática dentro da medicina (JONSEN,1993). Nesta perspectiva, a bioética se desenvolve de um modo que substancialmente e sociologicamente corresponde a uma disciplina (KOTTOW, 2005, p.42).

Vários acontecimentos contribuíram para o surgimento da Bioética como o surgimentos dos comitê de ética, novos padrões morais, a emancipação do pacientes, entre outros. A Bioética também se ocupa com o uso correto das novas tecnologias nas ciências médicas e na solução adequada dos conflitos morais que se apresentam, a Bioética é considerada uma ética aplicada. Trata-se, portanto, de um ramo específico da filosofia moral com características próprias (CLOTET, 2003, p.33) e que fornece os elementos necessários para o agente moral resolver adequadamente os conflitos éticos.

A tomada de decisões está presente na vida dos seres humanos e é uma das atividades mais complexas do pensamento, pois exigem competências para a resolução de conflitos morais e para a solução de problemas. Essas competências são desenvolvidas por cada pessoa através de esforços, construindo seu próprio conjunto de valores, pois de fato esse conjunto de valores influenciará o agente moral na tomada de decisão e propiciará uma vida com escolhas consistentes e inteligentes.

Acredita-se que o modelo de ensino da educação em valores éticos ou baseado em princípios e teorias éticas, pode ser a espinha dorsal para o desenvolvimento das capacidades, entre essas a de resolver conflitos morais, e da autonomia (PUIG, 1996). Algumas teorias partem do ponto de vista de que a educação em valores pode ser uma possibilidade viável para resolvermos os conflitos entre os princípios éticos pelos quais enfrentamos na atualidade. Esta pode ser uma proposta para auxiliar e, quem sabe, conseguir transformar essa crise de valores éticos que atravessamos, sobretudo os mais jovens (PUIG, 2007). Para La Taille e Menin (2009), estaríamos vivendo uma crise de valores onde os valores morais estariam doentes. Eles não desapareceram, mas estariam sofrendo uma mudança de interpretação na sociedade.

Cada vez mais, nossa sociedade contemporânea se afasta de sua capacidade de compaixão, solidariedade, empatia, tolerância e dos ideais de justiça, tornando-nos indivíduos moralmente insensíveis. Tentamos encontrar soluções para os problemas éticos e morais e os conflitos de valores éticos que nos afligem cotidianamente, para que possamos restabelecer o equilíbrio e a humanidade perdida em nossa sociedade (NEVES JÚNIOR, 2016).

Nesta mesma perspectiva, Berríos-Valenzuela e Bruxarrais-Estrada (2013) dizem que os objetivos da educação em valores éticos devem atuar no sentido de facilitar a adaptação dos indivíduos às formas sociais de convivência, sobretudo questionando quando tais formas são injustas para idealizar soluções originais e corretas, como

também desenvolver a capacidade para enfrentar novos conflitos de valor.

MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente, o protocolo de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da ENSP/FIOCRUZ, sendo aprovada no dia 03 de abril de 2015 (CAAE nº 41664615.3.1001.5240) para poder se começar a realizar o trabalho de campo.

Após a sua aprovação foi realizada uma pesquisa qualitativa de campo, descritiva, com levantamento de dados disponibilizados na internet através de informações oficiais nos sites: do Ministério da Educação (MEC), da Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM), das Escolas Médicas do Brasil de todas as faculdades de Medicina (públicas e privadas) do Estado de São Paulo que participaram do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (*Enade*) no triênio de 2010 e 2013 e que obtiveram conceito 5.

Foram realizados grupos focais com os alunos, pois os indivíduos pesquisados possuem características identitárias semelhantes, por estudarem juntos na mesma faculdade, e exercerem a mesma atividade em comum; como também, a existência códigos de comunicação, referências a situações vivenciadas e compartilhadas ligados ao discurso (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2012). Já a entrevista fora realizada com os professores, pois segundo Minayo, Souza e Constantino (2005, p.169) trata-se “de uma forma de interação entre o pesquisador e o interlocutor, na qual as informações, relatos, testemunhos e opiniões são profundamente influenciados pelo tipo de relação que se estabelece entre ambos”.

Após a coleta dos dados, as respostas dos instrumentos de pesquisa dos alunos e professores foram analisadas as interfaces e características da disciplina com os valores encontrados nas respostas dos alunos que podem vir a ser utilizados na educação em valores para a formação ética dos estudantes de medicina. Para a análise dos dados, as respostas e discussões foram transcritas, compiladas, selecionadas, pré-analisadas e classificadas em categorias emergentes das falas selecionadas, segundo a análise categorial proposta por Lawrence Bardin, com a finalidade de estruturar a discussão dos resultados encontrados. A partir da análise dos conteúdos que emergiram nas falas dos alunos e professores as categorias construídas para a discussão dos resultados.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram identificadas um total de 77 faculdades de Medicina no Brasil com conceito 5 no ENADE, destas, 23 Faculdades na região sudeste e 9 (nove) no estado de São Paulo. A partir disto, contactou-se os coordenadores destes 9 cursos e os responsáveis

pelas disciplinas de Bioética ou aquelas que possuíam o conteúdo de Bioética. Das 9 Faculdades, 7 participaram da pesquisa, sendo que, em 5, foi possível fazer a coleta completa dos dados, ou seja, contando com a participação dos professores nas entrevistas e aplicação grupos focais com os alunos. Sendo assim, a distribuição do total de participação foi de 5 faculdades de Medicina, 56 estudantes divididos em cinco grupos focais e um total de 9 professores através das entrevistas.

Para Lizarraga (2010), o fato de tomar decisões é uma atividade que está presente na vida dos seres humanos, e as competências de tomada de decisão e de solução de problemas são as mais complexas do pensamento. Raths et al (1967), acreditam que cada pessoa tem que adquirir com esforços e lutas, seu próprio conjunto de valores, pois são eles que realmente influem na vida, de maneira consistente e inteligente (RATHS; HARMIN; SIMONS, 1967).

Baseado nesta perspectiva de como as decisões são pautadas em nosso conjunto de valores morais, perguntou-se aos alunos e professores: quais os valores morais que eles achavam importantes serem discutidos em sala de aula?

Nas respostas dos alunos, demonstrou-se que os valores morais que deveriam ser trabalhados em sala foram: respeito, tolerância, empatia, liberdade, autonomia, igualdade, justiça, beneficência, simpatia, compaixão, universalidade; nas respostas dos professores foram encontradas as seguintes respostas: respeito ao paciente, tolerância, empatia, liberdade, autonomia, confidencialidade, benevolência, integridade de postura profissional. Pode-se perceber que quase existe um consenso nas respostas dos alunos e professores.

Grupos focais e entrevistas	Análise das categorias encontradas
<p>Grupos focais com os Alunos Quais são os valores morais que você acha que sejam importantes serem discutidos em sala de aula?</p> <p>Entrevistas com os professores Quais os valores morais implícitos nos temas de bioética que você acha importante discutir em sala de aula?</p>	<p>Respeito Tolerância Empatia Liberdade Autonomia</p>

Quadro 1. Análise do conteúdo e das categorias em Educação Moral encontrados nos grupos focais e entrevistas.

Valores encontrados nas respostas dos alunos	Valores encontrados nas respostas dos professores
<p>Respeito, tolerância, empatia, liberdade, autonomia, igualdade, justiça, beneficência, simpatia, compaixão, universalidade.</p>	<p>Respeito ao paciente, tolerância, empatia, liberdade, autonomia, confidencialidade, Benevolência, integridade de postura profissional.</p>

Quadro 2. Os valores morais importantes segundo alunos e professores

Os valores destacados em negrito significam que os mesmos emergiram tanto nas respostas dos alunos, nos grupos focais, quanto dos professores nas entrevistas. Segundo Raths, Harmin e Simons (1967), vários tipos de problemas que surgem com frequência nas escolas ou em casa, podem estar atribuídos, sem dúvida alguma aos valores éticos ou, com mais precisão, a falta deles.

Cortina (2005, p.173) fala do mundo dos valores que em geral “é escorregadio e complexo, e que tentamos resolvê-lo no mero subjetivismo do tipo ‘eu gosto disso’, ‘eu não’, ‘eu aprecio’, ‘ele não’”. E que devido a essa sua complexidade vários pensadores costumam evitar a discussão desse tema. Nesse raciocínio, alguns dos conteúdos relativos aos valores morais que foram comuns baseados nas falas dos participantes da pesquisa e, outros considerados igualmente importantes para a educação em valores, que estão descritos abaixo:

RESPEITO ATIVO

Respeito enquanto proteção

Verificou-se na fala dos estudantes a preocupação em se respeitar o paciente como um ser humano, proteger esses pacientes porque são vulnerados em sua dignidade. Isso se torna evidente nas falas de A1 quando comenta: “[...] *eu acho que respeito no sentido da gente não fazer não necessariamente o respeito só na hora que você tá na frente do paciente, [...] mas no sentido de não fazer uma piadinha na hora que ele não tá por perto*”; e de A2 que presenciou o caso de um residente que falou: “*nossa que paciente chato!* - e nesse caso, a paciente estava sendo exposta a uma situação super estressante”.

A vulnerabilidade, segundo Kottow (2009, p.37), é “constitutiva do ser humano, é igual para todos, e a resposta social tem sido a de reduzir os níveis de vulnerabilidade mediante algumas proteções básicas, que receberam o nome de direitos humanos.”

Fica evidente a preocupação com o respeito à dignidade dos pacientes em cenas que são corriqueiras em seus locais das aulas práticas e estágios como se percebe nos trechos dos alunos A3: “[...] *por exemplo, eu tenho que respeitar a autonomia de um paciente, mas eu acho muito mais importante você ter que respeitar a pessoa, porque ela é um ser humano*”; e A4: “[...] *eu vou estar lidando com um ser humano, tenho que tratar a pessoa como ser humano, mas o que significa ser humano. Tem todos aqueles aspectos – dignidade da pessoa, do que a faz sentir-se bem ou mal*”. E A4 ainda complementa:

“[...] por exemplo, uma coisa que acontece muito no hospital, onde você precisa examinar o paciente, mas não tem um quarto, então você tira a roupa do paciente no meio do corredor, onde tem um bando de gente - e você tem que examinar – uma baita falta de consideração e respeito e o povo acha aquilo normal – Gente, isso não é normal!”

O aluno A5 fala sobre a importância de se ter esse tipo de discussão na sala de aula: *“vamos falar sobre respeito à dignidade humana? O que significa isso? O que é ter condições mínimas de dignidade?”* Já o P1 faz um contraponto importante: *“a bioética, de certo modo, contaminou a ética médica, em se tratar um pouco além do que a ética deontológica faz, e colocando alguns valores, talvez o principal seja respeito aos pacientes, respeito ao ser humano, à dignidade, respeitar a humanidade”*. Outro detalhe que se verifica na fala dos estudantes, é o que menciona A6, de que tem que se discutir sobre o fato do médico não ser diferente do paciente, e que, segundo ele:

[...] o médico é igual ao paciente, porque eu acho que tem que começar daí para tratar do respeito com o paciente, você não enxergar que ele é inferior à você, em nenhum tipo de conceito, você estudou um assunto diferente do que ele pode ter estudado na experiência de vida dele, não é que você seja melhor que ele.

Constata-se nas falas dos alunos que para eles, os pacientes são os que mais necessitam de ações de proteção terapêutica. E de fato essa percepção dos discentes está de acordo com Kottow (2009, p. 37) *“quando um ser humano sofre de alguma incapacidade – deficiência, enfermidades ou deficiências físicas incapacitantes - deixa de ser meramente vulnerável e se converte em ‘vulnerado’”*.

Os alunos informaram que alguns valores éticos não são discutidos na sala de aula, dentre eles, a igualdade de direitos que um paciente possui como forma de respeitar os seus direitos. Eles acham que tem que se discutir que, apesar da relação médico paciente ser assimétrica, deve-se respeitar sua dignidade, como comenta A7: *“acho que o médico não é nada mais do que um prestador de serviço para o paciente, ou seja, o cara é como o seu patrão ali. Ele é mais que você, você só tem a ferramenta que ele não tem para fazer o trabalho que ele precisa. É assim que eu enxergo”*. E é o que relata o P7 de que tem que ser discutido com os alunos *“desde o zelo pelo bem-estar até a questão do respeito ao paciente”*.

Podemos sintetizar o respeito ativo nas falas do A8:

[...] de que não tem como a gente se despir dos nossos valores completamente, [...] então é respeitar aquela situação, com dualidade, respeitar ao paciente e a nós também. Eu acho que a gente só precisa agir da melhor forma possível, conseguir equilibrar a situação com respeito ao paciente, mas não abrir mão dos valores que a gente necessariamente acredita”.

Como também na fala do P2 de que *“os valores morais estão muito relacionados a cada situação que se vive, [...] o que a gente trabalha muito é a quebra dos paradigmas mesmo, [...] que cada um tem uma visão do mundo e que não precisa concordar, mas tem que se respeitar”*.

Tem situações que são muito comuns nas práticas dos cursos de Medicina, sejam nas aulas práticas nos atendimentos ambulatoriais das comunidades ou nos hospitais e que estão exemplificadas nas falas do aluno A9, que *“[...] não devemos*

perder os nossos valores, mas também não devemos ficar expondo toda hora ao paciente, nesse caso seria até uma empatia. Tomar cuidado com o que você fala...”; já para A10, “o paciente vai contar coisas íntimas dele, a gente tem que saber quantos parceiros ele já teve sexualmente, e isso é uma informação muito íntima. Então, o paciente não quer falar ou terá receio de falar e a pessoa expressar algum sinal. Dá para ver que não se pode fazer isso.”

Respeito à diversidade ou à tolerância

Apesar da tolerância não ter aparecido com tanta frequência nas respostas dos alunos, ficou evidente uma maior preocupação com esse princípio nas falas dos professores, e que a mesma, por lidar com o respeito ativo e liberdade, geralmente pode ser enquadrada como sendo parte desses valores éticos.

Segundo Cortina (2005, p.189), quando se distingue tolerar uma opinião de respeitá-la:

O respeito ativo consiste em não só suportar estoicamente que outros pensem de forma diferente, tenham ideais de vida feliz diferentes dos meus, mas no interesse positivo em compreender seus projetos, em ajudá-los a levá-los adiante, desde que representem um ponto de vista moral respeitável.

Verificamos isso nos trechos de A11 da importância de que a tolerância deve ser discutida em suas várias perspectivas: “[...] a tolerância também é um valor importante. A tolerância religiosa, sexual, todo tipo de liberdade tem que ser muito abordado”; como também na fala de P3 de que : “[...] pra mim ela está abarcada nesse valor principal que é o respeito aos valores das pessoas a tolerância [...]”. Nesse mesmo raciocínio, para Defourny (2010, p.8), que é representante da UNESCO no Brasil, “a tolerância e o diálogo cultural e inter-religioso constituem, assim, facetas marcantes deste «novo humanismo» calcado de maneira evidente na ideia de cultura de paz.”

Ainda sobre a importância em se discutir e estimular a tolerância, P4 comenta: “[...] por isso que eu acho que o referencial da tolerância deve ser usado, isso é muito importante. [...] Se a gente é capaz de ensinar tolerância a bicho, que tem o instinto à flor da pele, por que a gente não pode ensinar as pessoas a serem tolerantes?”

A tolerância tem uma importante função como um valor ético, mas também pode ser definida como a capacidade de aceitar e compreender tudo o que está concebido de forma diferente. Sua relevância se deve ao ponto de vista individual, pois ser tolerante é respeitar as ideias (sejam estas: políticas, religiosas e/ou morais) e opiniões diferentes das suas, sem se opor a rejeição ou discriminação.

b) Empatia

Para Rodríguez (2012), uma das características principais da empatia é a de que ela acontece quando um indivíduo se reconhece ou se identifica mental e afetivamente

com o estado de ânimo do outro. E como se percebe na fala de A1 que a “[...] *empatia também vem junto com o respeito, de se colocar no lugar do outro*” De acordo com A2, alguns professores exigem desde cedo a contato com esse valor: “[...] *a gente começa a ter contato com a empatia já no início do ano [...]. Tem professor que exige ou cobra um pouco mais de empatia, para que possamos saber conversar, saber falar com o paciente*”. E é o que comentam A3: “[...] *é porque a relação médico-paciente está muito relacionada a isso, se você não tem uma empatia, não consegue tirar todas as informações de que precisa, não consegue fazer o paciente aderir ao seu tratamento*”; e A4: “[...] *esse lado não é da medicina, é do ser humano, da vida, é das questões sociais.*”

Percebe-se a importância em se discutir a empatia com os alunos e verifica-se isso nos relatos que seguem. Na visão do que eles acham sobre a questão da empatia no curso de Medicina, como se pode constatar no trecho de A5: “[...] *tem gente que não tem empatia...*”; e na percepção de A6 onde comenta que “[...] *eles (os professores) tentam desenvolver em quem não tem. E isso é uma coisa meio difícil na medicina*”.

Uma das partes importantes que emergiram nos grupos focais é com relação à questão da tolerância a sexualidade, relatada pelo A7, sobre uma situação em que “[...] *o menino chegou para ser atendido pelo pronto-socorro, quis ser atendido pelo nome social e o médico não se deu ao tato de, apesar de ter essa informação lá na ficha, ele simplesmente pegou e chamou pelo nome do RG.*” E que ainda complementou em sua fala:

[...] isso é um tato que a gente não aprende em nenhum momento do curso, a não ser que chegue no internato, ou chegue um professor que fale – olha, quando for assim, faça isso. Eu não vejo em outra época do curso, onde a gente aprenda a ter esse tipo de empatia.

Mas a finalidade em se trabalhar empatia com os alunos, segundo P1, “[...] *é de você ver o outro também e ter uma empatia, tentar buscar uma melhor solução para as duas partes e eu acho que isso é através de discussões mesmo*”; ele complementa ainda que o professor “[...] *conforme os meninos vão falando você vai intervindo. Porque que você tá dizendo isso? Explica melhor de onde você tirou esse dado. Porque que você acha que isso é importante?*” Ele finaliza dizendo que “[...] *não existe fórmula é uma questão de conversar, e aí a gente traz logo em seguida os temas para serem debatidos e aí eles os alunos se colocam e discutem seus pontos de vista*”.

c) Liberdade

Liberdade como Autonomia

Para Cortina (2005), quando nós, seres humanos, atribuímos nossas próprias leis, podemos perceber que existem ações que nos humanizam, nos possibilitando ser coerentes e fiéis a nós mesmos, verdadeiros e solidários. Utilizamos aqui autonomia

como sinônimo de liberdade para não confrontar com um dos princípios da bioética, respeito a liberdade de escolha e ao pensamento do indivíduo, como se percebe na fala do A1: “[...] eu acho que o nosso conceito principal é realmente o de liberdade individual, acho que, principalmente, sua liberdade de escolha, não sei, acho que entender até que ponto eu posso interferir na vida de alguém”.

Essa é sempre uma questão muito discutida na Bioética, o limite entre a liberdade de escolha do paciente (exercício de sua autonomia) *versus* o paternalismo (aquilo que os médicos julgam ser o melhor para o paciente). Verifica-se isso no trecho da fala do A2: “[...] até que ponto ele (o paciente) tem autonomia? Até que ponto o médico interfere nesse ponto. Quais são esses limites?”.

A respeito da perda de sua autonomia, A3 menciona sobre a prática clínica: “[...] coisas que a gente costuma fazer tipo com o paciente quando ele entra, a gente coage ele de alguma forma; ele continua [...] essas regras que a gente impõe, até que momento a gente tem o direito de interferir na vida das pessoas desse jeito, dessa forma, entendeu?”

Nesse mesmo raciocínio o A4 comenta da necessidade de se discutir: “[...] a respeito dos limites que eu tenho enquanto profissional, e que as escolhas daquela pessoa, de que a vida dela tem tanta significância quanto os meus saberes, para impô-los pra ele ou não levamos em consideração isso, não é?”

Ainda segundo Cortina (2005), do mesmo modo que existem ações que nos humanizam, existem ações que também nos desumanizam, e que o importante é nos darmos conta de evita-las. Não porque elas nos humanizam ou desumanizam, nem por que outros nos ordenem que as realizemos ou nos proibam de fazê-lo, e sim, porque é a conduta moral ideal a ser realizada (CORTINA, 2005).

Na percepção de P1, quando os alunos chegam no 5º e 6º ano da faculdade e começam a atender os pacientes, no primeiro momento eles são totalmente contra a autonomia. E comenta que: “[...] eu acho que nós somos, e os alunos, nós todos, somos muito hipócritas, tipo: - Eu sei! Você fica quietinho aí, que eu sei né?”.

A importância das discussões desse valor fica evidente ainda nos comentários quando P2 diz que:

[...] à medida que eles vão crescendo, eles vão percebendo essa questão da autonomia, e na residência é muito interessante porque a residência ela depois faz uma marca sobre o indivíduo. Então na área cirúrgica já tem estudo sobre isso, na área cirúrgica, eles não aceitam muito bem entre aspas essa questão da autonomia.

Como também no comentário de P3 que, para exercer essa capacidade e saber utilizar a liberdade do paciente como autonomia, os estudantes precisam: “[...] aprender a conversar, se comunicar, ouvir, a saber o que o outro quer e não ser materialista”, e complementa ainda que “[...] quando o paciente vem te procurar ele já está abrindo mão um pouco da sua autonomia, ele já está desesperado, quer que você faça alguma coisa, [...] você tem que saber conversar, que é o que a gente acha que faz muita falta

hoje”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresenta algumas possíveis conclusões baseadas a partir dos objetivos que foram traçados, do levantamento do referencial teórico e dos resultados que foram obtidos por meio das observações e das análises categoriais encontradas.

Defende-se a ideia da educação em valores éticos ou em princípios e teorias éticas como uma viabilidade para a formação ética dos alunos, e, para isso, foi explanado o que entendemos por valores éticos, quais os modelos de educação em valores éticos, dentre eles o modelo da construção da personalidade moral e o conceito e os tipos de práticas morais como possíveis caminhos para serem trabalhados em sala de aula. Ressalta-se, aqui, mais uma vez, que o modelo utilizado como referência em nossa pesquisa não seja superior aos demais, que, na verdade, estes são complementares à nossa prática enquanto docente.

Da importância de se discutir os valores éticos em sala de aula, e que os mais importantes, segundo os alunos foram: respeito, tolerância, empatia, liberdade, autonomia, igualdade, justiça, beneficência, simpatia, compaixão, universalidade. E os que, de acordo com os professores, são discutidos nas disciplinas são: respeito ao paciente, tolerância, empatia, liberdade, autonomia, confidencialidade, benevolência, integridade de postura profissional.

De que a Bioética se justifica enquanto disciplina acadêmica e enquanto uma facilitadora para o desenvolvimento de algumas capacidades da inteligência moral como: empatia e reconhecimento dos demais, julgamento moral, tomada de consciência, habilidades dialógicas e a compreensão crítica, encontradas nas respostas dos grupos focais realizados com os alunos.

Portanto, a disciplina de Bioética e a educação em valores éticos, em princípios e teorias éticas, como pode-se observar nas respostas dos professores, mas, principalmente, nas dos alunos – podem incrementar a maturidade moral dos estudantes de Medicina. Porém, faz-se necessário mais estudos para o desenvolvimento de métodos de avaliação dessas práticas morais e evidenciar a validade de que estas podem mobilizar as capacidades e estruturas do raciocínio moral e formar agentes morais mais competentes.

REFERÊNCIAS

BERRIOS-VALENZUELA, L; BUXARRAIS-ESTRADA, M. R. **Educación en valores**: análisis sobre las expectativas y los valores de los adolescentes educación y educadores, vol. 16, n. 2, p. 244-264, maio/ago. 2013.

CLOTET, J. **Bioética**: uma aproximação. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

CORTINA, A. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

DEFOURNY, V. **Cultura de paz**: da reflexão à ação; balanço da década internacional da promoção da cultura de paz e não violência em benefício das crianças do mundo. Brasília: Unesco; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

JONSEN, A. R. **The birth of bioethics**. (special supplement), vol. 23, n. 6, p. 1-4. Hasting Center Report, 1993.

KOTTOW, M. Antropologia médica como propedeutica de la bioética: una propuesta curricular. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, jan./fev. 2005.

_____. Bioética de proteção: considerações sobre o contexto latino americano. In: **Bioética, risco e proteção**. SCHRAMM, F. R.; REGO, S.; BRAZ, M.; PALACIOS, M. (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Fiocruz, 2009.

La Taille, Y.; Menin, M. S. S. **Crise de Valores ou valores em crise**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MARTÍNEZ MARTIN, M. M. Educación y ciudadanía en sociedades democráticas: hacia una ciudadanía colaborativa. In: **Educación, valores y ciudadanía**. TORO, B.; TALLONE, A. (Coord.). Barcelona: Editorial OEI-Fundación SM, 2010, p. 59-71.

Minayo, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Minayo, M. C. S.; Souza, E. R; assis, s. g. (Orgs.). **Evaluación por triangulación de métodos: abordaje de programas sociales**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2005.

NEVES JÚNIOR, W.A. **A educação em valores e as práticas morais nas disciplinas de bioética de faculdades de medicina no Estado de São Paulo**, 2016. Tese (Doutorado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, em associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Federal Fluminense), Rio de Janeiro. 142 pp.

NOVAK, F. H. **A construção de valores no ensino superior**: um estudo sobre a formação ética de estudantes universitários, 2008. Dissertação (Mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), São Paulo.

PUIG, J.M. **La construcción de la personalidad moral**. Barcelona: Paidós, 1996.

PUIG, J. M.; ARAÚJO, U. F.; ARANTES, V. A. (Orgs.). **Educação em valores**: pontos e contrapontos. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

RATHS, L.; HARMIN, M.; SIMONS, S. **El sentido de los valores y la enseñanza**. Mexico: Uthea, 1967.

REICH, W. T. **The word "bioethics": its birth and the legacies of those who shaped it**. Kennedy Institute of Ethics Journal. ano 4. vol. 4. 1994. pp. 319-333.

RODRIGUEZ, R. M. **Educación em valores em él ámbito universitario: Propuestas y experiencias**. RODRÍGUEZ, R. M. (Coord). Narcea: SA de Ediciones, Madrid, 2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-137-4

